

II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SISTEMA ACAFE - SIPPE ACAFE



As artes no território da educação de jovens e adultos (EJA) por meio da a/r/tografia

ROTH, Maria Maura¹

maurarth.adv@gmail.com

Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE

PILLOTTO, Silvia Sell Duarte²

Pillotto0@gmail.com

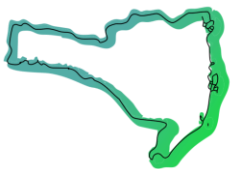
Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE

RESUMO: O objetivo desse artigo é problematizar as Artes na Educação de Jovens e Adultos (EJA), tendo como fundamento a a/r/tografia pelo viés narrativo. O campo de investigação está acontecendo na Rede Municipal de Ensino de Joinville, com 10 estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), entre 15 e 40 anos. A escolha pelo método se deu pelo entendimento de que essa abordagem é um movimento potente de partilha, acolhendo singularidades, que somadas formam um conjunto de pensamentos e sentires. Estão sendo levados em conta nesse processo de pesquisa, as problematizações dos estudantes/(inter)locutores por meio de práticas educativas com ênfase nas linguagens/expressões das artes e das sensibilidades em seis encontros na Escola Professora Laura Andrade. Os procedimentos metodológicos estão pautados experiências estéticas, nas interações/observações das pesquisadoras e no diálogo constante com os estudantes/(inter)locutores. Os instrumentos utilizados são registros fotográficos e filmagens, além de anotações contínuas, tanto no momento dos encontros como posteriormente, quando há um distanciamento necessário para as reflexões mais pontuais. As narrativas (escritas/orais, visuais, sonoras e corporais) das impressões dos estudantes/(iner)locutores e nossas, ocorridas durante os encontros tem contribuído na produção/coleta de dados e na análise-interpretativa compreensiva (BERTAUX, 2010). Até o momento as pistas têm nos indicando que as experiências estéticas possibilitam o deslocamento de pensamentos e ações, potencializando o conhecimento de si e do outro. Esse movimento também tem possibilitado aos estudantes/(inter)locutores da Educação de Jovens e Adultos-EJA, saber lidar com o mal-estar social que aflige a sociedade e em especial os seus próprios. A identificação das demandas sociais e emocionais trazidas pelos estudantes em sala de aula é fundamental para que as práticas educativas ganhem potência e, neste sentido as experiências estéticas podem ser importantes aliadas nesse processo educacional.

Palavras-Chave: Sensibilidades. Práticas Educativas. A/r/tografia. EJA.

¹ Bolsista da CAPES no Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE. Pesquisadora no Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação – NUPAE/UNIVILLE.

² Pós-Doutora e professora/pesquisadora no Programa de Pós-Graduação – Mestrado/Doutorado em Educação da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE. Coordenadora no Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação – NUPAE/UNIVILLE.



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SISTEMA ACAFE - SIPPE ACAFE



ABSTRACT: The objective of this article is to problematize the Arts in Youth and Adult Education (EJA), based on a/r/tography by narrative bias. The field of research is happening in the Municipal Education Network of Joinville, with 10 students of Youth and Adult Education (EJA), between 15 and 40 years. The choice for the method was given by the understanding that this approach is a powerful movement of sharing, welcoming singularities, which together form a set of thoughts and feelings. Are being taken into account in this research process, the problematizations of students/ (inter) speakers through educational practices with emphasis on the languages/ expressions of the arts and sensibilities in six meetings at the School Professor Laura Andrade. The methodological procedures are based on aesthetic experiences, in the interactions/observations of the researchers and in the constant dialogue with the students/(inter)announcers. The instruments used are photographic records and filming, as well as continuous notes, both at the time of the meetings and later, when there is a necessary distance for the most punctual reflections. The narratives (written/oral, visual, sound and body) of the impressions of students/(iner)announcers and ours, which occurred during the meetings has contributed to the production/data collection and comprehensive interpretive analysis (BERTAUX, 2010). So far the clues have shown us that aesthetic experiences enable the displacement of thoughts and actions, enhancing the knowledge of oneself and the other. This movement has also enabled students/ (inter)speakers of Youth and Adult Education-EJA, know how to deal with the social malaise that afflicts society and especially their own. The identification of social and emotional demands brought by students in the classroom is fundamental for educational practices to gain power and, in this sense, aesthetic experiences can be important allies in this educational process.

Keywords: Sensitivities. Educational Practices. A/r/tography. EJA.

INTRODUÇÃO

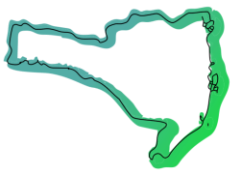
A pesquisa está sendo desenvolvida no território da Educação de Jovens e Adultos (EJA), compreendendo que desde a implementação da Constituição Federal de 1988, a legislação prevê o direito a educação para toda a população e que este é um dos deveres do Governo Federal bem como dos Estados e Municípios. Dentre os deveres está a garantia de assegurar a educação pública e gratuita aos jovens e adultos que não concluíram os seus estudos e a qualquer momento, se assim desejarem, possam retornar aos bancos escolares para a conclusão do ensino regular, dando seguimento aos processos de aprendizagem.

O método escolhido para o desenvolvimento da pesquisa é o a/r/tográfico, que tem em seus pressupostos a experiência, a intervenção estética e a interação como processo reflexivo. Esses pressupostos são alimentados pela escuta e o olhar atento, a solidariedade e empatia na busca de compreender os estudantes/(inter)locutores da pesquisa e a nós mesmas por meio das narrativas corporais, visuais, sonoras, escritas/orais, entre outras.

A a/r/tografia portanto, é um método que “busca o sentido denso e intenso das coisas e estuda formatos alternativos para evocar entendimentos e saberes cujos formatos tradicionais de pesquisa não podem ou conseguem possibilitar” (DIAS, 2013, p. 25).

Nessa perspectiva, o a/r/tógrafo assume faces da pesquisa, destacando o ser professor/pesquisador e artista, evitando separar sua experiência de vida da pesquisa, uma vez que a a/r/tografia é uma pesquisa/viva. Afinal, para os a/r/tógrafos “não existe um amaneira apropriada ou errada de representar um projeto a/r/tográfico [...]. Pretendem retratar seus projetos de forma que ecoem as suas próprias investigações, bem como os novos entendimentos” (IRWIN, 2013, p.33-34).

A pesquisa encontra-se na etapa de coleta e produção de materiais, advindos de estudos bibliográficos e da investigação de campo em desenvolvimento. A análise-interpretativa-compreensiva tem sido nossa opção, pois nos ajuda a compreender que “a narrativa de vida não é um discurso qualquer: é um discurso narrativo que se esforça para contar uma história real” (BERTAUX, 2010, p. 89-94). E as narrativas dos estudantes/(inter)locutores da pesquisa tem sido carregada de realidade, acompanhada da imaginação criadora, que segundo Chaves (2000, p. 43) está imbuída de “expressar o desejo de



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SISTEMA ACAFE - SIPPE ACAFE



diminuir a angústia da sensação de sentir o tempo passar – a imaginação funcionando como criadora de imagens de teor funesto (morte e tempo mortal) e de imagens de vida, triunfante sobre a morte”. As imagens mentais articuladas as dimensões do sensível vão se constituindo em sentimentos, ações e construções poéticas, que delinham caminhos subjetivos do pensar e do sentir.

A análise-compreensiva-interpretativa terá como subsídio a criação de um constructo, composto de caminhos conceituais e metodológicos, que indicarão pistas e efeitos dos percursos da pesquisa. O constructo está senso criado com base nas experiências estéticas que acontecem nos encontros, culminando com as manifestações expressivas dos estudantes/(inter)locutores - um modo latente, subjetivo e potencializador de metáforas. É também um conjunto de variáveis, formando um bloco de experiências e sentidos, alicerçadas ao cotidiano e ao imaginário.

MATERIAIS E MÉTODOS

A escolha pelo campo da Educação de Jovens e Adultos - EJA é principalmente pelo nosso entendimento de que esses estudantes merecem uma educação que promova olhares críticos e sensíveis, assim como o sentimento de pertencimento social.

Da mesma forma, a opção pela a/r/tografia está pautada na possibilidade de potencializar a experiência, as artes e as sensibilidades, tão importantes no contexto da Educação de Jovens e Adultos - EJA. A própria etimologia da palavra a/r/tografia, tem um significado que nos conduz a assumir a pesquisa como um movimento de vida. Segundo Belidson Dias (2013, p. 25) “A/R/T é uma metáfora para: Artist (artista), Researcher (pesquisa), Teacher (professor) e Graph (grafia: escrita/representação)”.

Na a/r/tografia o saber/fazer e fazer/refletir se completam em processos de imaginação criativa, que mobilizam ações poéticas, tanto dos pesquisadores como dos estudantes/(inter)locutores da pesquisa.

A partir dessa perspectiva, assumimos o papel de a/r/tógrafas, (entre)laçando múltiplas possibilidades de fazer pesquisa, pois ainda para Belidson Dias (2013, p. 29) os artógrafos “[...] são capazes de criar artefatos e textos que representam a compreensão adquirida a partir de suas perguntas iniciais, no entanto eles também prestam a devida atenção para a evolução dos problemas durante a investigação”.

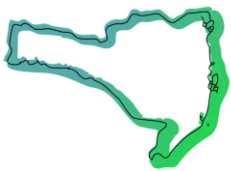
Para os a/r/tógrafos os questionamentos são tão importantes quanto as respostas, e essas seguem um ciclo de vida que não é definitivo. Portanto na a/r/tografia, os processos são também resultados, que se deslocam de acordo com os acontecimentos. Para Deleuze e Parnet (2004, p. 78).

Todo acontecimento é uma névoa. Se os infinitivos “morrer”, “amar”, “mover”, “sorrir” etc., são acontecimentos, é porque há neles uma parte que sua realização não basta para realizar, um devir em si mesmo que está sempre, a um só tempo, nos esperando e nos precedendo como uma terceira pessoa do infinitivo, uma quarta pessoa do singular.

Os acontecimentos podem ser também um conjunto de pensamentos e sentidos, criando novas compreensões e modos outros de percepções. Em nossa pesquisa, o acontecimento está no (entre)lugar, uma vez que vibramos em uma pesquisa/viva, afinal “[...] trabalhar com outros nos abre para o desconhecido e nos torna coautores do conhecimento, cocriadores da pedagogia e coparticipantes nas comunidades de práticas” (LEGGO; IRWIN, 2023, p. 352).

Tendo como aporte a a/r/tografia no território da Educação de Jovens e Adultos (EJA), escolhemos a Escola Municipal Professora Laura Andrade, situada na cidade de Joinville/SC como campo de investigação, uma vez que esses estudantes têm histórias de vida diversas e por vezes, trazem demandas sociais e emocionais, que consideramos importantes na constituição de um sujeito crítico/sensível.

Estão sendo realizados na escola seis encontros, de 2 horas com total de 12 horas com as seguintes temáticas: *A escrita de si; (Re)ssignificando a poesia em mim e no outro; Impressões que se*



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SISTEMA ACAFE - SIPPE ACAFE



(re)novam em outros olhares; Modelando as sensibilidades; Entre o eu e o outro as imagens e as sonoridades acontecem; e Territórios de Sensibilidades nas pequenas/grandes coisas da vida.

O primeiro encontro ‘A escrita de si’, iniciou com uma roda de reflexão e breve apresentação das pesquisadoras e dos estudantes/(inter)locutores. Esclarecemos que eles não seriam apenas participantes da pesquisa, mas sobretudo, coautores nos processos de investigação e produção científica.

Na sequência, levantamos algumas indagações: - o que significa para vocês ser um estudante da EJA? O que os incentivou a estar em sala de aula? As questões causaram certa inquietude com narrativas de cunho social e emocional, como comentou a estudante A, 2023: “estar aqui é tentar recuperar o tempo perdido...trabalhei na infância para ajudar no orçamento familiar e não pude conciliar estudo e trabalho. O estudante B, 2023 disse: “morávamos em região rural e naquele tempo a escola ficava muito longe. Minha família não tinha dinheiro para o traslado e além disso, enfrentamos doenças e perdas; foi um tempo difícil. Hoje estou realizando um sonho, pois nunca é tarde para começar”.

E assim como esses estudantes/(inter)locutores, tiveram muitas outras narrativas relacionadas a acontecimentos sociais e emocionais, que nos mobilizaram a pensar a sala de aula como possibilidade de “um lugar onde a arte do encontro se desse de forma a tornar cada aluno um ser no outro, onde cada experiência pudesse ser vista na sua singularidade e pluralidade, naquilo que as pessoas têm de individual e coletivo” (CELÓRIO, 2019, p. 270).

Após as narrativas, distribuimos aos estudantes/(inter)locutores, papel sulfite e canetinhas para que escrevessem em tiras de papel, aspectos relevantes na Educação de Jovens e Adultos - EJA e quais as fragilidades e inquietações que lhes causavam desconforto. As narrativas escritas foram colocadas em uma caixa fechada para ser socializada no encontro seguinte, intitulado: ‘(Re)significando a poesia em mim e no outro’.

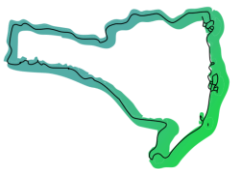
No encontro ‘(Re)significando a poesia em mim e no outro’, levamos a caixa com as respectivas narrativas, solicitando que cada um dos estudantes/(inter)locutores retirassem uma das tiras com as narrativas dos colegas de classe. A experiência foi um misto de curiosidade e tensão, pois as narrativas apontavam acontecimentos sociais e situações emocionais individuais, nunca antes socializadas por eles. Questões relacionadas a: preconceito de gênero, vulnerabilidade social, mortes prematuras, mudanças de lugares, entre tantos outros, foram amplamente acolhidas por nós e discutidas no grupo. Após o diálogo, tendo clareza que as questões tratadas não foram totalmente esgotadas, partimos para a outra etapa do encontro.

Dividimos o grupo em duas grandes equipes, distribuindo materiais diversos (papeis coloridos, canetões, cola colorida, tesouras, e outros com o seguinte propósito: criar uma composição escrita/visual em suporte cartolina, formando uma nova narrativa a partir das tiras trazidas por cada um dos estudantes/(inter)locutores.

Ao final da produção, fixamos as produções na parede da sala de aula, a fim de refletir sobre as narrativas e seus imbricamentos com a Educação de Jovens e Adultos – EJA. Os estudantes/(inter)locutores trouxeram nesse momento as demandas socioemocionais, comentando suas aflições com as perdas e o trabalho duro para retornar a escola, as renúncias e as escolhas que foram essenciais para o resgate de um tempo escolar perdido e muitos outros. Isso nos levou a pensar nas palavras de Hillman (2010a, p. 231) quando diz que

[...] apenas quando as coisas se despedaçam é que elas se abrem para novos significados; apenas quando um hábito diário se torna sintomático, uma função natural torna-se uma aflição, ou quando o corpo físico aparece nos sonhos como uma imagem patologizada, um significado desponta.

Para o encontro seguinte, solicitamos que trouxessem uma poesia, articulada as narrativas socializadas. No encontro: ‘Impressões que se (re)novam em outros olhares’, os estudantes/(inter)locutores apresentaram as poesias pesquisadas e os questionamos: quais os critérios para a escolha da poesia? As poesias de alguma forma dialogam com as narrativas socializadas? Vocês têm o hábito de ler poesias? Por que? As respostas foram vagas e percebemos que eles não liam poesia,



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SISTEMA ACAFE - SIPPE ACAFE



entendendo que o gênero não acrescenta muito profissionalmente. “Não leio muito...falta tempo...ou estou trabalhando ou estudando...e poesia não é minha praia...” (estudante C, 2023). “Acho que poesia é só para lazer e não tenho esse privilegio porque meu tempo é trabalhar muito para subsidiar a família” (estudante D).

Após as narrativas orais, nosso próximo desafio foi reuni-los em trios, questionando-os: como vocês poderiam ler suas poesias sem utilizar a leitura oral? Poderia ser com sons criados a partir do corpo, de objetos, de apenas movimentos corporais ou ainda outras possibilidades? Nossa intensão estava atrelada a ideia de

[...] não esquecer a pergunta, refazer a pergunta, interrogar a pergunta, malferir a pergunta. Significa também não se acostumar com a nostalgia da mesmidade, não se deixar arrastar pela agonia do já não ser, nem arrastar o outro nessa agonia tão torpe e impiedosa (SKLIAR, 2003, p. 102).

As produções artísticas com/na poesia foram muito interessantes; vieram apresentações corporais, sonoras, visuais e ao final cada um os estudantes/(inter)locutores comentou como foi a experiência e quais as dificuldades encontradas e quais momentos foram mais instigante. “Foi muito difícil e também motivador, utilizar outros meios para apresentar a poesia. Geralmente só lemos ou escrevemos e usar o corpo para expressar foi mesmo desafiador!” (estudante E, 2023). “Nós utilizamos os sons do corpo e alguns objetos para representar a poesia e ficamos impressionador com o resultado. Uma experiência que ficará na memória” (estudante F, 2023). E como bem nos alerta Peres (1999, p. 143) “palavras, imagens, gestos e produções, são sem dúvida, matérias inconsistentes e móveis que reclamam por serem experimentadas em profundidade, na intimidade da substância e da força, do familiar e do desconhecido que nos cohabita”.

A experiência com a poesia articulada a outras linguagens, possibilitou aos estudantes/(inter)locutores uma outra visão sobre esse gênero, revelando que as artes e as sensibilidades fazem parte de nossas vidas, mesmo quando não sabemos muito bem como e porquê. “As ressonâncias se dispersam nos diferentes planos da nossa vida no mundo, a repercussão nos chama a um aprofundamento de nossa própria existência. Na ressonância, ouvimos um poema, na repercussão nós o falamos, pois é nosso” (BACHELARD, 1988, p. 99).

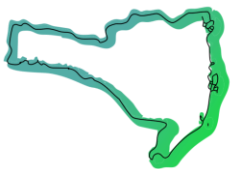
No encontro: ‘Modelando as sensibilidades’, tivemos a participação da Profa. artista ceramista e arte/educadora Eliana Stamm, que contribuiu na condução da experiência estética em modelagem. Organizamos a sala, juntando as carteiras e forrando-as com panos e algumas ferramentas, que foram utilizadas no processo de modelar.

Também foi montada uma pequena exposição com peças e imagens de cerâmica, trazidas pela artista, que foi apreciada por todos nós. Em seguida, distribuimos um bloco de argila para cada um individualmente e a artista trouxe algumas orientações técnicas do uso da argila e questões referentes a sua importância como material orgânico e flexível, que ativa a consciência de nossas potencialidades manuais, artísticas e culturais e as interações consigo próprio e com o outro.

A partir das questões trazidas pela artista, o desafio para o grupo foi: faça com a argila formas que o remetam a uma experiência, sentimento e emoção. E assim aconteceu, pois, “a obra é inseparavelmente terra e mundo. Toda descrição que separe estas duas dimensões para isolar o sentido de um lado, a forma do outro, separa de algum modo a alma do corpo”. (HAAR, 2000, p. 107)

Após a finalização das produções, organizamos uma exposição, refletindo sobre a experiência: quais aspectos lhe afetaram? E então as narrativas se espalharam em sons baixos, fortes e tímidos. “Revivi a minha infância, que foi muito sofrida” (estudante G, 2023); “deixei que minhas mãos conduzissem o trabalho e fiquei surpresa com o que resultou...não sei bem o que é, mas a sensação é de saudade de alguém que se foi” (estudante H, 2023).

E assim encerramos mais um encontro com mais perguntas do que respostas. E como nos lembra Krauss (2010, p.97) a argila “explora e confunde o conhecimento prévio, projetando seu próprio significado”.



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SISTEMA ACAFE - SIPPE ACAFE



Em nosso último encontro ‘Territórios de Sensibilidades nas pequenas/grandes coisas da vida’ Neste último, apresentamos slides referentes às produções que aconteceram em todos os encontros. Após a apresentação, distribuímos para cada um individualmente folhas de formatos diferentes (triângulo, quadrado, retângulo círculo) e canetões, solicitando que fizessem suas narrativas a partir das impressões apropriadas durante todo o processo. O que e como fazer? As perguntas vieram potentes e nossas respostas indicavam ainda mais questionamentos e possibilidades. A produção requer “demorar-se diante da imagem [imaginário], roubar-lhe tempo para trocá-lo por saber, pesquisa e busca de idéias” (BELLOUR, 1997, p. 10).

Ao final, vieram poesias, desenhos, esculturas, músicas, encenações e outras tantas linguagens/expressões. A autoria tomou conta do espaço, transformado em múltiplos sentidos. A experiência estética passa pelo crivo sensível da sensorialidade corpórea, que pulsa em potências de vida. (MEIRA, PILLOTTO, 2022). É um atravessar sensações, sem saber ao certo qual o rumo tomar e onde podemos chegar. É nosso ser pulsante, que grita pelo espaço do silêncio no ruído da vida contemporânea; é tempo para pensar/sentir/pensar. Como diz Celorio (2019, p. 272)

[...] essa postura também promove a liberdade de pensar outras práticas pedagógicas, e outros viveres escolares, em que os alunos e alunas também são motivados a pensar na importância de fazer algo que atenda ao temperamento e ao e ao jeito de ser de cada um deles.

Nossos encontros permearam as artes e as sensibilidades, atentas a “compreender os modos como os sujeitos dão forma as suas experiências e como significam os acontecimentos de sua existência” (SOUZA; MEIRELES, 2017, p. 291). Ao ouvir e narrar experiências, todos aprendemos sobre nós mesmos e sobre o modo como percebemos o mundo. É um sair de si para ir ao encontro do outro; misturam-se experiências pessoais e coletivas.

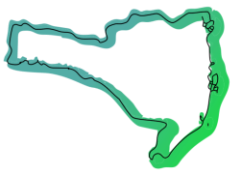
Portanto, em uma pesquisa a/r/tográfica narrativa, a escuta, a observação, a atenção e a disponibilidade de estar juntos é primordial, pois como afirma Abrahão (2018, p. 32-33) “[...] sem escuta de qualidade ético/política de parte do pesquisador, portanto, a narrativa se torna vazia, monológica, ou, no limite, simplesmente não existe [...]”.

Essa abordagem de pesquisa trouxe para nossa pesquisa outras formas de conhecer e conhecer-se, pois o sensível nas narrativas e nas histórias de vida são movimentos alternativos, trazendo outras vias de ação e experiências. Possibilitam também o encontro por meio imaginação criadora e inventiva. Nesta perspectiva, é importante levar em conta os espaços, objetos, pessoas, situações e materiais utilizados pelo pesquisador e como isso tudo implicou na compreensão das demandas emocionais e sociais dos estudantes/(inter)locutores e participantes da pesquisa (CELORIO, 2022).

RESULTADOS

Os encontros foram guiados por experiências estéticas, impulsionando múltiplas narrativas, que propiciaram) modos de melhor compreender a vida pessoal/social/coletiva dos sujeitos em seus processos de formação e constituição humana. Vale ressaltar, que os encontros foram imbricados em práticas educativas, aguçando nossa atenção e sensibilidades, que oportunizou outros modos de convivência e visões de mundo (ABRAHÃO, 2018).

Nessa perspectiva, as práticas educativas foram articuladas as Artes por meio do diálogo e das trocas de experiências, pois como afirma João Francisco Duarte Jr. (2010, p.26) “todo conhecimento é integrado ao nosso corpo, que nos torna também mais sensíveis”. Também os vínculos afetivos estiveram presentes como elemento fundamental para as ações criativas, pois foram essenciais para compreensão das demandas trazidas pelos estudantes/(inter)locutores, como: emoções relacionadas a acontecimentos passados e presente; memórias de situações compostas de fragilidades – perdas de familiares e amigos, vulnerabilidade social, preconceitos de toda a ordem, entre outros. A partir das demandas, foi necessário durante os encontros, (re)significar as experiências alimentadas pelas artes e



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SISTEMA ACAFE - SIPPE ACAFE



sensibilidades, afinal, o professor é um provocador de afetos, buscando nas relações afetar e afetar-se (MEIRA; PILOTTO, 2022).

Discussões sobre aspectos cognitivos relacionados às sensíveis tem sido pauta de eventos científicos, bem como na academia, seja nos cursos de graduação e/ou no Pós-Graduação. Porém, por vezes, ficam no âmbito das discussões reflexivas, sem, contudo, chegar às práticas educativas. No entanto esses são aspectos que fizeram diferença no contexto da Educação de Jovens e Adultos - EJA no que se refere às demandas relacionadas aos cenários sociais e emocionais.

Neste sentido, os vínculos afetivos são indispensáveis, e segundo, Marly Meira e Sílvia Pillotto (2022) os afetos merecem olhar cuidadoso, pois nos provocam reflexões sobre as relações constituídas por meio da ética e da estética. Assim, o diálogo, a escuta, a percepção e as interações entre professores e estudantes são fundamentais como afirma Madalena Freire (1996, p. 44), “[...] o educador formaliza, dá forma, comunica o que praticou, para assim pensar, refletir, rever o que sabe e o que não conhece, o que necessita aprender, aprofundar em seu estudo teórico”.

Portanto, as artes e as sensibilidades no território da EJA por meio da a/r/tografia, se configuraram como “[...] atividade formadora e remete o sujeito para uma posição de aprendente questionando suas identidades a partir de diferentes modalidades de registro sobre suas aprendizagens experienciais” (ARAGÃO, 2010, p. 394). E a experiência, um dos pilares da pesquisa é por nós compreendida como “[...] aquilo que nos passa ... ou que nos toca... e nessa perspectiva entendemos que todas as experiências voltadas as sensibilidades trazem para as ambientes sensações prazerosas no sentido de afetar e afetar-se” (LARROSA, 2001, p.154).

Os primeiros resultados/processos parciais da pesquisa apontam pistas e efeitos relevantes, reiterando que as artes e as sensibilidades, especialmente no território da Educação de Jovens e Adultos (EJA), como imprescindíveis para a construção e desenvolvimento de um olhar sensível/crítico para o mundo/vida.

Nessa perspectiva, a a/r/tografia tem contribuído como um método/vida, que conecta o eu e o outro e atua como espelho, captando nossas subjetividades. Ou seja, aquilo que não é visível ou dito: o sensorial, o emocional e cognitivo. Foi exatamente isso que aconteceu em nossos encontros. Foi preciso a partir dos encontros, ler o que não era visível: um gesto, um olhar perdido, um movimento corporal, uma voz pausada ou rápida demais, um quase choro, um esquivar-se das palavras e tantos outros.

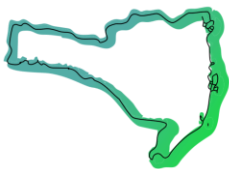
Ao nos envolver nesse misterioso universo da a/r/tografia nos aproximou ainda mais dos campos as artes, da estética e da psicologia, compreendidos por meio de pistas, efeitos e símbolos, pois a compreensão de como damos forma as experiências e as significamos, é antes de tudo, olharmos o mundo com a lente do coração. E como bem diz José Aparecido Celório (2022, p. 222) “ninguém faz a passagem sem antes aprender a usar o pensamento do coração, sem antes acolher a vida na sua dinamicidade”. Nossos encontros com os estudantes/ (inter)locutores foram fendas do sensível que se abriam ao contato da argila, dos pigmentos coloridos, da poesia e das experiências impressas em artes.

É possível dizer que das demandas sociais e emocionais que vinham do grupo de estudantes/(inter)locutores, havia uma força quase oceânica, pois “onde a força elementar é encontrada, é nelas que o ser humano pode buscar guarida para suas utopias, é nelas onde todo desencontro tem um motivo para ser um encontro em outro lugar (CELORIO, 2022, p. 224).

Os resultados parciais têm nos mostrado a importância de valorizar o humano e sua potência criativa e imagética, que os vínculos afetivos estão (entre)laçados ao ato de aprender sobre si e sobre o outro e que é isso que torna a existência um campo infinito de sensibilidades.

A pesquisa, portanto, tem buscado potencializar nas práticas educativas e a expressividade nas experiências estéticas, pois como nos diz Jorge Larrosa (2001, p. 24)

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SISTEMA ACAFE - SIPPE ACAFE



o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar tempo e espaço.

Estamos na etapa da recolha e produção dos dados e na análise compreensiva- interpretativa, que tem como referência autores como Daniel Bertaux (2010) e Souza e Meireles (2018), finalizando com o constructo, que tem como função revisitar os processos de pesquisa, elencando os ciclos em pistas e efeitos.

Para Bertaux (2010, p. 27) a análise “permite identificar por meio de que mecanismos e processos os sujeitos chegaram a uma dada situação, como se esforçam para administrar essa situação e até mesmo superá-la”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências estéticas e seus acontecimentos no território da Educação de Jovens e Adultos – EJA pelo método a/r/tográfico tem possibilitado novos modos de percepções a partir das demandas sociais trazidas pelos estudantes/(inter)locutores. Portanto, como afirma Irwin, (2013, p. 32)

[...] entender como [estudantes], artistas, pesquisadores e educadores, bem como outros espectadores, constroem significados é de grande valia para a/r/tógrafos. A/r/tógrafos estão, invariavelmente, preocupados sobre como as suas invenções afetam os outros e a si mesmos.

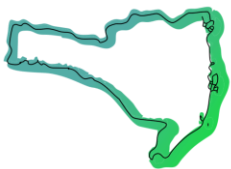
Desta forma, quando pensamos no território da Educação de Jovens e Adultos – EJA, pensamos em tensões, interações e (inter)relações por uma ótica sensível para além do currículo formal. Talvez aí esteja o maior desafio das instituições de educação que acolhem essa comunidade, que por vezes se encontra em situação de vulnerabilidade.

A Educação de Jovens e Adultos - EJA pode ser vista como um território que congrega desigualdades sociais, pois parte dos estudantes foram por várias razões impedidos de frequentar a escola em tempo regular. A maioria traz consigo situações diversas, como por exemplo o sujeito que depois da sua exaustiva jornada de trabalho precisa estar em sala de aula para seu processo de aprendizagem, as vezes exaustivo devido a um currículo que não valoriza os aspectos sensíveis.

Paulo Freire (1980), que vivenciou a Educação de Jovens e Adultos de modo sensível, compreendia que a melhor proposta educativa é aquela que se torna artefato, tanto dos professores, quanto dos estudantes, tornando os conceitos e conteúdos atraente para ambos. É necessário que haja diálogo constante para que todos possam participar ativamente do processo educacional. Só assim, sermos capazes de criar e (re)inventar a educação de Jovens e Adultos - EJA, abrindo brechas permanentes de sentidos e percepções (MEIRA; PILLOTTO, 2022).

Neste sentido, é preciso criar práticas educativas, tendo como base as sensibilidades, reverberando as narrativas como ponto de (inter)secção das experiências, compreendendo os percursos de uma pesquisa/vida. Um agir que propulsiona a investigação, a curiosidade e o estar consigo e com o outro; uma abertura para a nutrição das sensibilidades e uma brecha para novas possibilidades de aprender a viver. Afinal

É possível que a experiência estética desperte em cada um de nós protótipos mentais concretos e que variam em termos de ordem e desordem, que se liguem a nossa história pessoal, ao nosso nível de escolarização, à cultura que tivemos em casa, na rua, no trabalho. Ela permanece constante no que se liga ao corpo com suas necessidades e desejos, ao campo de estusias que o lugar em que vivemos oferece. Refiro-me a capacidade de fruir prazer e dar prazer a alguém (MEIRA, 2014, p. 57).



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SISTEMA ACAFE - SIPPE ACAFE



REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. A aventura do diálogo (auto)biográfico: narrativa de si/narrativa do outro como construção epistemo-empírica. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; CUNHA, Jorge Luiz da; BÔAS, Lúcia Villas (org.). **Pesquisa (auto)biográfica: diálogos epistêmico-metodológicos**. Curitiba: Editora CRV, 2018. p. 25-49.

ARAGÃO, Ana Maria F. de. **Reflexividade coletiva: indícios de desenvolvimento profissional docente**. TESE (Livre Docência em Educação). Universidade de Campinas, 2010.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Coleção Os Pensadores)

BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos**. Tradução: Zuleide Alves Cardoso Cavalcante e Denise Maria Gurgel Lavallée. 2. ed. São Paulo, SP. Paulus, 2010.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo n. 186/2008. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016.

CELORIO, José Aparecido. Pedagogia da Observância e (Auto)formação: (re)imaginar as nossas ruínas existenciais In: CHAVES, Iduina Mont'Alverne Braun; ALMEIDA, Rogério de (Orgs.). **100 anos Gilbert Durand**. São Paulo: FEUSP, 2022.

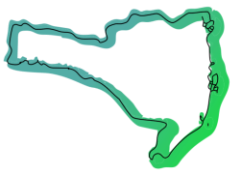
CELORIO, José Aparecido. Processos (auto) formadores e docência: vias para a compreensão de algumas faces do mal-estar na educação In: PAINI, Leonor Dias; Chicarelle, Regina de Jesus; CELORIO, José Aparecido (Orgs.). **PARFOR - Plano Nacional de Formação de Professores, dialogicidade entre a Educação Básica e a Universidade: compartilhando saberes**. Maringá, PR. Massoni Gráfica editora, 1ª ed., 2019.

CHAVES, Iduina M. B. **Vestida de Azul e Branco como manda a tradição: cultura e Ritualização na escola**. Rio de Janeiro: Intertexto/Quartet, 2000.

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. Tradução: Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo, SP. Escuta, 1998.

DIAS, Belidson. A/r/Tografia como metodologia e pedagogia em artes: uma introdução In: DIAS, Belidson; Irwin, Rita L. (Orgs.). **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013 (p. 21-26).

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. 5. ed. Curitiba: Criar, 2010.



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO SISTEMA ACAFE - SIPPE ACAFE



FREIRE, Madalena. **Observação, registro e reflexão**. Instrumentos Metodológicos I. 2ª ED. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

FREIRE, Paulo. O Homem e Sua Experiência/Alfabetização e Conscientização. In: FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980. p. 13-50.

HAAR, Michael. **A obra de arte**: ensaio sobre a ontologia das obras. Tradução: Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: DIEFEL, 2000. (Coleção Enfoques. Filosofia).

HILLMAN, James. **Re-vento a psicologia**. Tradução: Gustavo Barcellos. - Petrópolis, RJ. Vozes, 2010 (Coleção Reflexões. Junguianas).

IRWIN, Rita L. A/r/tografia. Tradução: Belidson Dias In: DIAS, Belidson; Irwin, Rita L. (Orgs.). **Pesquisa educacional baseada em arte**: a/r/tografia. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013. p. 27-35.

KRAUSS, Rosalind. **Perpetual Inventory**. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 2010.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. 5. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LEGGO, Carl; IRWIN, Rita. Formas de observar: arte e poesia In: PILLOTTO, Silvia Sell Duarte; STRAPAZZON, Mirtes Antunes Locatelli. **Educação Estética**: a pesquisa/experiência nos territórios das sensibilidades. volume 2. Joinville, SC: Editora Univille, Joinville (p. 349-354).

MEIRA, Marli; PILLOTTO, Silvia Sell. **Arte, afeto e educação**: a sensibilidade na ação pedagógica. Porto Alegre, Rs. Zouk, 2022.

MEIRA, Marly Ribeiro. O sentido de aprender pelos sentidos. In: PILLOTTO, Silvia Sell Duarte; BOHN, Letícia Ribas Diefenthaler. **Arte/educação**: Ensinar e aprender no ensino básico. Joinville, SC: Editora Univille, 2014, p. 53 - 62.

PERES, Lúcia Maria Vaz. No vai e vem da vida a escrita de si como processo de (auto)formação. In: PERES, Lúcia Maria Vaz; ZANELLA, Andrisa Kemel (Orgs.). **Escritas de autobiografias educativas**: o que dizemos e o que elas dizem? Curitiba: CRV, 2011. p. 65-78.

SOUZA, Elizeu Clementino; MEIRELES, Mariana Martins de. Olhar, escutar e sentir: modos de pesquisar-narrar em educação. Revista Educação e Cultura Contemporânea, v. 15, n. 39, p. 282-300, 2018.

SOUZA, Elizeu Clementino; MEIRELES, Mariana Martins de. Fotografia e entrevista narrativa: modos de narrar a vida e a cultura escolar. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Clementino de Souza (org.). Pesquisa narrativa: interfaces entre história de vida, arte e educação. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2017. p. 125-141.

SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença**: e se o outro não estivesse aí? Rio de Janeiro, RJ. DP&A, 2003.